

## **A Umbanda e sua Jurema Performance e imaginário sobre o indígena em um terreiro carioca<sup>1</sup>**

Bruna Maria de Almeida Luiz<sup>2</sup>

A presente pesquisa apresenta uma entidade religiosa conhecida como Cabocla Jurema, onde realizo um breve histórico a respeito do ritual umbandista e algumas considerações sobre o termo “jurema”. Em seguida, investigo o imaginário sobre o indígena dentro desta religião, apontando para o seu paralelismo com relação à Cabocla Jurema. Por fim, através da teoria antropológica da performance e de uma antropologia visual, apresento o repertório imagético e coreográfico relacionado à performance e objetificação dessa entidade no terreiro estudado<sup>3</sup>, como parte constitutiva de sua construção; ressaltando, também, a questão da musicalidade nesta performance, dentro de uma *gira*, como elo de conexão entre os planos material e espiritual.

No decorrer da investigação, analiso como os indígenas se apresentam e são recebidos dentro de um contexto religioso. Através do ritual umbandista, a partir da centralidade da Cabocla Jurema, esse estrato social é posto em evidência, tornando-se visível e agente de modalidades sócio-estéticas e fenomenológicas centrais para a experiência religiosa dos umbandistas. Essas entidades são repositórios do imaginário social sobre a diferença na constituição do Estado-Nação. Ao se tornarem o centro de um culto específico, realizam, nesse microcosmo, uma inversão das estruturas de poder gerais da sociedade brasileira.

Com isso, apresento uma forma de interpretação dessas histórias; a Umbanda e sua Jurema, em um campo diferente, dentro de uma religiosidade de matriz africana, construindo a imagética de uma entidade formada com o arquétipo do índio, junto à sua performance; onde ocorre uma inversão de valores. Dessa forma, é posta em evidência camadas marginalizadas da sociedade, discorrendo, também, a respeito da invasão dessas terras por colonizadores, sendo os nativos massacrados, porém tendo sua cultura reformulada e readaptada em diversos contextos.

Por outro lado, o indígena volta do “além” para mostrar sua força e sabedoria, auxiliando aqueles que buscam por seus conselhos e curas. Ou seja, espíritos que já viveram na Terra e incorporam em médiuns, tornam-se presentes nesse mundo a fim de fazer a caridade e continuar em seu próprio processo evolutivo.

---

<sup>1</sup>Monografia apresentada no curso de Ciências Sociais para a obtenção do grau de Bacharel (2016)

<sup>2</sup>Graduada em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e pós-graduanda em História das culturas africana e afro-brasileiras pelo Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos (IPN)

<sup>3</sup>Terreiro Mensageiro de Oxalá, fundado pela Mãe Ceinha em mil novecentos e sessenta e um, de acordo com as premissas do Caboclo Taú

A união de crenças, as adaptações de origem africana e indígena, todas em solo brasileiro a fim da manutenção de seus cultos e sua cultura diante de um etnocentrismo forte, baseado na ânsia de poder territorial e, conseqüentemente, econômico do europeu, vão criando as bases de uma religião advinda de uma mistura étnica. Transformando-se em uma religião essencialmente brasileira: a Umbanda!

A Cabocla Jurema é enfatizada em suas atividades de caçadora, de grande importância no desenvolvimento mediúnico, no próprio desenrolar das sessões auxiliando no processo de incorporação, na etapa do descarrego direcionando os espíritos inferiores ou sofredores e exímia conhecedora do poder das ervas. Uma índia que volta à Terra para auxiliar, também, àqueles que possivelmente a discriminaram nesse grande processo de evolução; pondo em evidência os conceitos de humildade, caridade e fé, tão destacados pelos umbandistas.

A Umbanda cria uma linguagem metafórica, através de seus rituais, da realidade social, com estereótipos postos pela conservação do imaginário brasileiro em relação aos desassistidos. A partir de modelos sociais representados através de seus aparelhos, os médiuns, o ritual de Umbanda floresce mergulhado na simbologia de uma brasilidade, correspondendo a características gerais de espíritos que estreitam laços entre os mundos ditos “sagrado” e “profano”.

Desconstruir “verdades absolutas” impostas sobre crenças religiosas que ajudam a alimentar esse caos de intolerâncias é uma luta diária, constante; assim como pôr em evidência essas discussões para conhecimento abrangente, entendendo que cada um tem seu pleno direito de carregar consigo ideias a respeito de diferentes mundos e da própria vida, é de fundamental importância para uma sociedade melhor estruturada; olhando as diversas culturas sem a velha visão etnocêntrica. Cada religião tem seus embasamentos e justificativas para os rituais, acontecimentos terrenos, vidas passadas, presentes e futuras e o respeito é a máxima que todos deveríamos praticar. *“Que cada um tenha o direito de encontrar o mistério do que lhe é pertencimento, em gentileza e gestos de silêncio, toques de tambor e cantos de celebração da vida”*. (SIMAS, 2013, p.113).

Inclusive com as pessoas que não baseiam-se em certezas ou crenças “sobrenaturais” para seguir seu caminho.

A Umbanda é sempre descrita como uma religião de amor e caridade. Seus seguidores a resumem como um meio de conforto, de ensinamentos constantes, auxílio ao próximo, às entidades e a si mesmos.

O preconceito e a intolerância ainda atuam ferozes e cruéis, muitos casos como esses são registrados: Terreiros de Umbanda e Candomblé invadidos, incendiados, tendo suas imagens destruídas, pessoas agredidas, guerras religiosas até mesmo dentro das escolas. E muitas vezes em nome de um “deus”, cobra-se um preço altíssimo para aqueles que querem mostrar uma pseudo supremacia. Lembrando que intolerância religiosa, por lei, é crime!

Foram feitas observações participantes no Terreiro Mensageiro de Oxalá, situado na cidade do Rio de Janeiro, além de entrevistas, fotografias e gravações durante os rituais, a fim de produzir um pequeno vídeo etnográfico, apresentado, também, no ato da defesa desta pesquisa. As observações feitas ao sujeito de estudo ocorreram durante oito meses nesse Centro de Umbanda. Na tentativa de uma relação equilibrada com este sujeito da pesquisa e todos os outros atores sociais envolvidos nesse contexto, existe sempre, no decorrer do trabalho, a preocupação de não naturalizar fatos importantes e prosseguir com as surpresas na coleta de dados.

Optanto por uma antropologia interpretativa (GEERTZ, 2008), no sentido de construir um discurso através da busca do conhecimento dos significados, ou seja, de acordo com as interpretações das ações observadas em campo, dar-se-á voz aos atores sociais desse contexto em que tal pesquisa foi inserida, que foram emitidas através de, pelo menos, uma segunda voz, a da pesquisadora, com mecanismos etnográficos inspirados por Clifford Geertz.

De acordo com este mesmo antropólogo, as descrições (densas) presentes em um texto desse caráter devem ser vistas como construções em cima das próprias construções dos nativos. Nada que seja intocável, que não possa ser complementado, reconstruído ou (por que não!?) refutado.

A entrada em campo deu-se no dia vinte e seis de dezembro de dois mil e quatorze em uma festa de encerramento do Terreiro Mensageiro de Oxalá. Antes da data referida, foi exposto à uma das integrantes do Terreiro minha proposta de trabalho, estendida ao futuro Pai de Santo, a Mãe de Santo e aos dirigentes da casa para a autorização do desenvolvimento desta pesquisa antropológica. Além, claro, da autorização dada pelos seres residentes em Aruanda<sup>4</sup>.

Fazendo uso da performance como uma das formas de análise do social, de acordo com Bauman e Briggs (2008), foi desenvolvido o tema em questão; através de uma antropologia visual, desde a construção da imagética do sujeito de pesquisa a outros elementos performáticos: danças, gestos, cantos e a forma de linguagem.

Tomo as entidades de Umbanda como atores sociais, sem distinção de valor e constitutivo da própria vida social dos umbandistas; sendo assim, a Cabocla Jurema mostra suas próprias figuras poéticas remetendo-se a um passado de sofrimentos, lutas e vitórias através de vários de nossos diálogos, além de expressar em seu cavalo<sup>5</sup> características próprias como modo de caminhar, gestual e preferências, forma de cumprimentar as pessoas e as outras entidades, salvar o Gongá, dançar, auxiliar e direcionar as sessões, dar consultas, etc. ...

É nessa construção do imaginário da audiência ligando experiências de um tempo passado e presente, suas ações, desejos e sentimentos... que os espíritos, de acordo com Vânia Cardoso (2009), tornam-se, então, sujeitos sociais culturalmente reconhecidos pela assistência e filhos de santo, por

---

<sup>4</sup>Nome dado, pelos nativos, a uma cidade espiritual

<sup>5</sup>Médium que incorpora a entidade/espírito

exemplo, sem os quais, também, não poderiam existir; apenas diferenciando-se dos outros sujeitos sociais por serem denominados “entidades”, “santos” e não “pessoas”.

Valho-me dos médiuns, filhos de santo, cambonos, consulentes, seguidores e curiosos da assistência como uma das formas de fontes de dados e possíveis atores participativos da construção de um discurso, por ser possível também refletirem sobre suas próprias ações e assim serem, até certo ponto, coautores do texto.

É uma Cabocla de pena, filha de Tupinambá  
Rainha da pontaria, nunca se viu ela errar  
Tem a pele bronzeada, os olhos cor do luar  
Passa correndo nas folhas, não se ouviu seu pisar  
É uma Cabocla de pena Filha de Tupinambá!<sup>6</sup>

Salve a Cabocla Jurema!

Okê, Cabocla!

---

<sup>6</sup>Ponto cantado para a Cabocla Jurema

## Referências bibliográficas:

ALBUQUERQUE, Marcos. **Destreza e sensibilidade**: os vários sujeitos da jurema (as práticas rituais e os diversos usos de um enteógeno nordestino). Monografia. Paraíba, 2002.

ASSUNÇÃO, Luiz. **O reino dos mestres**: a tradição da jurema na umbanda nordestina. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.

BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles L. Poética e performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. Tradução de Vânia Cardoso e revisão de Luciana Hartmann. Ilha: **Revista de Antropologia**, Florianópolis: UFSC, 2008.

CARDOSO, Vânia. O espírito da performance. Ilha: **Revista de Antropologia**. Florianópolis, v.10, n.1, p.197-214, 2009.

CARDOSO, Vânia; HEAD, Scott. Encenações da descrença: a performance dos espíritos e a presentificação do real. **Revista de Antropologia**, SP, v. 56, n.2, p. 257-289, 2013.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: \_\_\_\_\_. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. cap.1, p.03-21.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro e São Paulo: Record, 1998.

ROCHA, Carmem. Curimbas: o som das almas. In: CONTINS, Marcia. PENHALOPES, Vânia e ROCHA, Carmem. (Orgs). **Religiosidade e performance**: diálogos contemporâneos. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2015. p.17-32.

SIMAS, Luiz Antonio. **Pedrinhas Miudinhas**: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2013.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: \_\_\_\_\_. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. cap.09, p.123-134

